

---

# SER Social

DESIGUALDADE, MUNDIALIZAÇÃO  
E POLÍTICAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS

Brasília, v. 22, n. 47, julho a dezembro de 2020

---

## Neoliberalismo ou democracia

Neoliberalism or democracy

Entrevistado: Alfredo Saad-Filho<sup>1</sup>

Entrevistador: Daniel Bin<sup>2</sup>

Trabalhando atualmente no *King's College*, em Londres, Alfredo Saad-Filho é professor de economia política. Seu trabalho expressa, de forma significativa, aquilo que Immanuel Wallerstein entendia como a indivisibilidade das ciências sociais. Nesse sentido, o que leitoras e leitores verão, nas próximas páginas, são análises que transbordam fronteiras disciplinares como as da economia, ciência política e sociologia.

Não sei se Alfredo concordaria com essa caracterização. Mesmo assim, ousou fazê-la para sublinhar a imprescindibilidade de

---

1 Economista, doutor (SOAS University of London), professor de economia política e desenvolvimento internacional, do Departamento de Desenvolvimento Internacional, King's College London. E-mail: [alfredo.saad-filho@kcl.ac.uk](mailto:alfredo.saad-filho@kcl.ac.uk).

2 Sociólogo, doutor (UnB) e professor associado do Departamento de Estudos Latino-Americanos, Universidade de Brasília. E-mail: [daniel.bin@unb.br](mailto:daniel.bin@unb.br).

abordagens que se ocupem da *totalidade* das relações, processos e estruturas sociais. Isso torna-se ainda mais relevante nestes nossos tempos neoliberais, quando também as ciências sociais parecem cada vez mais ocupadas com fenômenos singulares e para os quais a história seria irrelevante.

A entrevista – realizada no final de outubro de 2019 – está dividida em três blocos, sendo o primeiro sobre questões relativas à universidade e às ciências sociais. O segundo bloco trata de aspectos relevantes das conjunturas econômica e política no mundo contemporâneo. O terceiro e último bloco também traz análises sobre a política e a economia, mas agora direcionadas para o contexto brasileiro destes últimos anos.

**Bin: Para que leitoras e leitores da *SER Social* saibam um pouco mais sobre você, poderia falar sobre a sua trajetória acadêmica? Quais as suas principais influências intelectuais? E de que modo tudo isso levou você a ensinar na Inglaterra?**

**Saad-Filho:** Eu estudei na Universidade de Brasília, nos anos 1980, e fiz doutorado na Inglaterra. Trabalhei em Moçambique e depois retornei à Inglaterra para ensinar; trabalhei na Organização das Nações Unidas, em Genebra, e agora estou no King's College, em Londres. Muito dessa trajetória foi casual; a vida oferece oportunidades, e a gente toma decisões nas circunstâncias do momento. Meu trabalho é inspirado pelo método de Marx, e por analistas contemporâneos, como Ben Fine, Suzanne de Brunhoff, John Weeks, Paresh Chattopadhyay, Michael Perelman, Jayati Ghosh, e muitos outros, a quem admiro profundamente.

**Bin: Como é ser um estudioso marxista no centro da economia capitalista mundial? Por aqui, há quem diga que a queda do Muro de Berlin tornou Marx menos relevante para compreendermos as relações sociais do nosso tempo.**

**Saad-Filho:** O marxismo tem um apelo imediato nos países em desenvolvimento, em contraste com os países capitalistas avançados. Esta dificuldade era multiplicada, no passado, pelo fato do marxismo ter sido associado com a União Soviética e, portanto, com

o que foi construído como o inimigo militar do Ocidente. Desta forma, a inclinação política ou teórica à esquerda se ligou com a imagem de traição à pátria, o que tornava a atividade política de esquerda muito difícil. A Queda do Muro mudou as dificuldades, mas não as eliminou. Hoje em dia, o argumento é que o colapso soviético demonstra que o marxismo falhou – mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. Os horrores do nazismo provam que o capitalismo pode gerar monstros, mas eles não demonstram que o capitalismo não funciona, ou que ele inevitavelmente degenera em barbárie. Determinar a validade de qualquer teoria é um problema filosófico complexo; tentar resolvê-lo com *slogans* pode ajudar na propaganda, mas não contribui para a análise séria da realidade.

**Bin:** Há algumas décadas diz-se que grandes categorias das ciências sociais tornaram-se menos importantes. Sociedade, capitalismo, divisão social do trabalho, classes cederam espaço para ator social, movimento social, identidade, diferença. Este é um movimento que coincide com a ascensão do pensamento e práticas neoliberais. Qual o papel das ciências sociais – aí incluída a economia – nesses desenvolvimentos?

**Saad-Filho:** Não há resposta direta a esta colocação. A análise da realidade vai delinear as categorias necessárias ao entendimento do concreto, ou seja, a sua captura conceptual e sua representação na mente. Conforme a realidade muda, as categorias se transformam, e outras categorias relevantes emergem. Mas enquanto a raiz da realidade continuar a mesma, as categorias interpretativas básicas mantêm a sua validade. Liberalismo vitoriano, socialdemocracia keynesiana ou neoliberalismo são estágios distintos do capitalismo. A análise da extração de mais-valia continua a mesma em todos os períodos, mas o papel das identidades humanas ou da luta por direitos civis pode mudar. Estas questões não colocam ‘desafios’ para a teoria; elas são parte de seu desenvolvimento, que deve estar sempre aderente à realidade material.

**Bin:** Desde 2016, universidades brasileiras têm sido atacadas por governantes que se valem de métodos que vão de ameaças à liberdade de cátedra até restrições orçamentárias. Durante

**as eleições de 2018, chegamos a ver tribunais impedindo manifestações diversas dentro de *campi* universitários. Há alguma comparação possível com o que você observa em universidades britânicas, ou mesmo da Europa continental?**

**Saad-Filho:** Certamente que não. O Brasil passa por um momento político grotesco. Algumas esferas importantes do poder do Estado foram capturadas por uma gangue criminosa, com fortes instintos autoritários, tanto porque a burrice não consegue governar de outra forma, quanto porque a solução radicalmente neoliberal buscada pelos governos recentes requer uma implementação violenta. As universidades naturalmente se opõem a isto. Elas são, por natureza, centros de questionamentos, de elaboração de políticas alternativas, de produção de conhecimentos novos que, inevitavelmente, desafiam o que acreditávamos saber ontem. Portanto, as universidades são incompatíveis com o conservadorismo tosco do governo atual. Por todas estas razões, elas são atacadas com uma fúria insólita. Não é certo que será possível resistir, mas é necessário tentar. Para isto, é preciso construir alianças em defesa da civilização, dado que o projeto do poder atual é bárbaro, puramente destrutivo, semicolonial e semiescravista.

**Bin:** **Forças da direita mais reacionária têm ascendido ao poder ao redor do mundo. Em muitos casos, sucederam esquerdas cujos governos adotaram práticas mais moderadas do que indicariam os seus programas, por exemplo, no que diz respeito à desigualdade. O que você acha da hipótese de que estratégias imaginadas para manter-se no poder também concorreram para enfraquecer a capacidade política da própria esquerda?**

**Saad-Filho:** É possível, mas a situação varia em cada caso. Turquia, Índia, Brasil, Estados Unidos e Itália passam por processos com raízes comuns, mas que são também diferenciados, e a culpa não pode ser atribuída à esquerda. Isto seria de uma superficialidade imperdoável, especialmente para quem se define como materialista. A responsabilidade pela implosão das democracias neoliberais é do neoliberalismo, ou seja, do próprio capital. A penalidade tem sido

paga pelos mais pobres, mais desprotegidos. A fraqueza da esquerda é mais consequência do que causa do avanço da barbárie hoje em dia.

**Bin:** Ao tratar daquilo que considerava uma lacuna deixada por Marx acerca dos limites econômicos do modo de produção capitalista, Rosa Luxemburgo desenvolveu o argumento de que o diagrama de Marx sobre a reprodução ampliada do capital começaria a corresponder à realidade quando o fim da acumulação estivesse próximo. Por isso que, para evitar esse fim, o capital avançaria sobre espaços não capitalistas. Pensando sobre revoltas sociais que acompanham a percepção de condições de vida cada vez mais insatisfatórias, pergunto se a história acelerou a sua aproximação ao referido diagrama.

**Saad-Filho:** Rosa Luxemburgo foi uma pessoa maravilhosa, extremamente inteligente, criativa, e que deu a vida pela revolução. Mas neste ponto de teoria ela estava errada, e isto já foi demonstrado repetidamente. Isto não implica que não exista imperialismo, exploração das periferias da economia mundial, e assim por diante. Eles existem; só que o seu entendimento demanda um aparato teórico distinto.

**Bin:** Ainda sobre os potenciais limites à acumulação e formas a que o capital recorre para superá-los, o que dizer dos desastres ambientais que se seguem à crescente capitalização de novos espaços?

**Saad-Filho:** A alma do capital é a acumulação sem limites. O problema que estamos percebendo agora, com grande intensidade, é que o planeta tem limites. Quando a acumulação de capital se choca contra os limites da Terra, o resultado é a catástrofe ambiental. A dificuldade adicional é que as consequências se desenvolvem lentamente, e de forma instável, mas também cumulativa. Estamos correndo contra o tempo, e correndo o risco de extinção em massa, inclusive da vida humana. A desumanidade do capital está revelada; o problema é como contê-lo. Neste contexto, a rebelião contra o capital é um dever, em nome da defesa do planeta e da nossa própria espécie.

**Bin:** O que se convencionou chamar de financeirização – deslocamento do centro de gravidade da produção em direção

**a ativos financeiros – seria também um indício dos limites do capital? Refiro-me à hipótese de que capitalistas, diante das dificuldades de *acumular*, recorram cada vez mais à *redistribuição de excedentes*, do que a *finança* é o *locus principal*.**

**Saad-Filho:** Este processo é evidente hoje em dia. Mas a financeirização não se resume à acumulação de ativos financeiros em vez de capital produtivo. Ela se refere ao domínio sobre todas as esferas da produção e da reprodução social pelo capital financeiro, ou o que Marx chamava mais rigorosamente de capital portador de juros. Como este tipo de capital não é diretamente produtivo, por definição ele redistribui (e captura) mais-valia capturada noutra parte. Mas ele pode viabilizar ou potenciar novas áreas da acumulação, então seu efeito não é simples nem linear. Os resultados da financeirização, entretanto, não deixam margem a dúvidas: estagnação macroeconômica cumulativa, reestruturação da atividade econômica, degradação do trabalho, concentração de renda e riqueza, e o imperativo da repressão política.

**Bin:** **Dados divulgados recentemente pelo FMI dão conta que o total global dos endividamentos público e privado já equivale a 226% do PIB mundial, o que corresponde a um crescimento de 61% nos últimos dez anos. Por outro lado, as taxas de juros em queda começam a sinalizar o aumento da procura por ativos de maior risco e menor liquidez. O que foi que governos e capitalistas aprenderam com a crise de 2008?**

**Saad-Filho:** Muito pouco. Aprenderam a salvar o sistema financeiro injetando dinheiro e usando o problema fiscal como desculpa para atacar a maioria da população com ainda maior severidade. Neste meio-tempo, as causas da crise ficaram sem solução. A finança continua nadando de braçada, fazendo muito dinheiro, e as vulnerabilidades econômicas do neoliberalismo continuam gerando tensões e desequilíbrios importantes. Outra crise do mesmo molde da de 2008 é certamente possível, mas hoje há menos margem de manobra para conter os seus potenciais impactos. O capitalismo neoliberal dança à beira do abismo, e está ameaçando chover forte.

**Bin:** Em pronunciamento à nação no simbólico 1º de maio, em 2012, a então presidenta Dilma disse ser “inadmissível [que] um dos sistemas financeiros mais sólidos e lucrativos continue com um dos juros mais altos do mundo”. Já nos seus últimos anos de governo, a inflação acelerava e o governo central começava a registrar resultados fiscais primários negativos, o que não ocorria desde fins dos anos 1990. Qual parcela de responsabilidade pelo golpe de 2016 poderia ser atribuída à finança?

**Saad-Filho:** Uma parcela significativa, como eu tento demonstrar no meu livro intitulado *Brasil: neoliberalismo versus democracia* (escrito com meu amigo Lecio Moraes). Mas não foi por causa de alguns milhões aqui ou ali, ou devido a um por cento de juros para cima ou para baixo. O golpe foi principalmente uma questão de poder, foi um problema político e não meramente contábil. No meu entender, o golpe veio para proteger as elites e a classe média de um governo que parecia sair do controle, e veio para restaurar a ordem social semiescravista que persiste no Brasil. A presidenta Rousseff caiu por suas falhas, mas, em boa medida, também por suas virtudes.

**Bin:** Em análise sobre a conjuntura que culminou no golpe de 2016, você lembra que, nos anos Lula, o país experimentara crescimento, distribuição e estabilidade social. Já sob Dilma, para além das condições econômicas menos favoráveis, a véspera da sua deposição marcava o momento em que “o cenário ganhaganha da ‘conciliação de classes’ dos anos 2000 transformara-se no seu oposto”. Por que então muitos dos que lucraram tanto sob Lula – como ele mesmo diz, aliás – viriam a militar pelo seu aprisionamento e inelegibilidade?

**Saad-Filho:** Como eu mencionei anteriormente, foi uma questão de poder. O problema não é principalmente econômico. A elite tolerou o Partido dos Trabalhadores – um grupo alienígena – no governo enquanto os ganhos desta mesma elite estavam fluindo. Quando eles deixaram de ocorrer, devido à deterioração da situação internacional e a erros de política econômica no plano doméstico, a elite brasileira se rebelou e derrubou o governo. Note que a situação econômica não melhorou, mas ninguém da elite falou em remover Michel Temer ou

Jair Bolsonaro devido a seus evidentes fracassos de gestão econômica. Com o poder na mão, a elite se tranquilizou. Ganhar dinheiro é bom, mas, claramente, o poder político não tem preço.

**Bin: Quem tirou Lula do caminho depois imaginou que Bolsonaro seria melhor para os negócios? Já é possível avaliar situações em que isso se confirmou e em quais, não?**

**Saad-Filho:** Sem dúvida o triunfo eleitoral de Jair Bolsonaro estava associado a expectativas de poder da elite, inclusive a alta classe média, e expectativas de ganhos econômicos por parte do capital. Em grande medida, estes ganhos se verificaram, por meio das repetidas flexibilizações das leis trabalhistas, do encolhimento da previdência social, da proteção aos ganhos financeiros às custas das políticas sociais e do apoio estatal à reprodução social, e assim por diante. É uma questão de correlação de forças. É só com a luta política – que, neste momento, é essencialmente uma luta pela democracia e contra o autoritarismo do grupo de gângsteres que sequestrou o poder – que conseguiremos restaurar a ordem constitucional e proteger as liberdades públicas, inclusive o direito de reivindicar melhorias econômicas para a grande maioria. Este é o desafio presente.